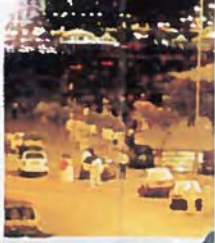


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA
IMPRESSO

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VI Nº 70/74
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Brasília



Crônica **elegíaca** de Brasília

□ FERNANDO MENDES VIANNA

IV

Um dia os edifícios se reergueram de repente.
 Houve um frêmito igual a um vento em nervos mortos.
 Mas a índia adolescente havia falecido.
 O trabalho não era aquele entusiasmo. Pasmado
 com teu colapso, estava teu homem ainda esputefato.
 Só via recordações. E a saudade aboiava no cerrado.
 Aonde a índia simples, alegre, árdua e dadivosa?
 Aonde os amantes de primeira hora, os bravos?
 Agora a febre era fria. Seu nome: progresso.
 E te consolidaram, te colaram os ossos quebrados,
 convalesceste e te levantaste. Porém triste,
 Eras um espectro com aparência de gente,
 eras Lázaro. Não sabíamos o tamanho da surpresa
 dupla - de tua morte e de tua ressurreição.
 Ninguém media a mistura de tristeza e alegria.
 Chorávamos e ríamos por ti. Mas a adolescente bugre
 essa, estava morta. Se transformara em urbe,
 em vedete toda arrumada e competitiva.
 Ah, Brasília, não és cidade una!

V

Hoje és matrona bem burguesa e bem gorda,
 instalada frente a um aparelho de televisão.
 Estás mais úmida e tratada, mais branda e mais sabida.

Como era cativante tua carícia tosca e áspera!
 De vez em quando olhamos seus retratos antigos
 e recordamos o riso da índia nova e arisca.
 Muito poucos saem em busca de teu rosto primevo
 - a pele pura de astros na imensidão noturna.
 Teu silêncio, mal o recordamos. Mesmo alta noite
 roncam motores a lembrar a tua morte.
 Durante o dia és uma cidade como outra
 - freadas, engarrafamentos, gincanas, repartições.
 Foste repartida. Brasília, num esartejamento sábio.
 Tuas praças estão arrumadas, mas de que adianta?
 Só uma ou outra árvore primitiva subsiste.
 Apesar dessas belas maquetes quase marcianas,
 dos coloridos postais que despachamos,
 o teu rosto bugre era mais belo,
 ó índia morta, de carne dura, brônzea, solitária!

VI

Pra que tanto carro, pra que tanta loja, pra que
 tanto funcionário, para que tanto edifício? Ah,
 para que se cumpram os fados do progresso,
 para que se cumpra teu destino de cidade.
 E haja mais restaurantes, bares, mercados, conforto,
 e impem de orgulho os fãs do fatalismo tribal,
 e cresçam os ignorantes adolescentes que não te
 possuíram
 e as madames possam comprar novidades na butique,
 e os que te detestam sorriam com sarcástico desdém
 e citem as delícias do requinte das megalópoles.
 Ah, Brasília, minha saudade não se consola
 com tanta coisa nova. Tanta coisa está morta!
 Confesso que por isso, em tua memória - adolescente
 enterrada, desaparecida tão cedo de nossos olhos -
 por tudo isso eu te amo quase sempre à noite.
 Sem o verde que enfeita a tua pele primitiva.
 Quando não vejo os badulaques de tua nova cara.
 Embora os postes de mercúrio - estranhas garças
 fantasmais, enormes, grotescas - não permitam,
 não permitam, ó índia morta, que eu esqueça
 que tu és uma cidade, cidade, cidade!

